



Volume.

**02**

Nº 1

06. JUN  
2019

## **MULHER E CIENTISTA? POR QUE NÃO?**

**MULHER, DONA DE CASA, GESTANTE, MÃE E CIENTISTA? NESSE NÚMERO DO DESBARATANDO A BIOLOGIA DESCOBRIREMOS QUE É POSSÍVEL!! CONHEÇA OS DESAFIOS, DIFICULDADES E AS VITÓRIAS NO CAMINHO DAS MULHERES TENTANDO MUDAR A IMAGEM DE UMA CIÊNCIA TESTOSTERONIZADA!!**

## **GRAZIELA MACIEL BARROSO, A PRIMEIRA DAMA DA BOTÂNICA BRASILEIRA**

**NUNCA É TARDE PARA COMEÇAR!! APAIXONADA PELAS PLANTAS, GRAZIELA DECIDIU INGRESSAR NA FACULDADE DE BIOLOGIA AOS 47 ANOS E, AOS 60 ANOS, DEFENDEU SEU DOUTORADO. LEIA UM POUCO MAIS NA PÁGINA 04.**

## **CIÊNCIA X MATERNIDADE: COMO CONCILIAR?**

**TER OU NÃO TER FILHOS? O VELHO CLICHÊ NUNCA ESTEVE TÃO ATUAL DENTRO DO CENÁRIO CIENTÍFICO, MAS POR QUÊ? O QUANTO TER UM FILHO (OU MAIS) PODE INTERFERIR NA CARREIRA DE UMA CIENTISTA? ACOMPANHE O RELATO DE UMA MÃE CIENTISTA NA PÁGINA 05.**

## **BERTHA LUTZ, A BIÓLOGA QUE ABRIU AS PORTAS PARA AS BRASILEIRAS NA CIÊNCIA!**

**CONHEÇA BERTHA LUTZ: BIÓLOGA, PESQUISADORA, ATIVISTA, FEMINISTA E UMA DAS PRIMEIRAS SERVIDORAS CONCURSADAS DO MUSEU NACIONAL-RJ. SAIBA MAIS SOBRE SUA TRAJETÓRIA NA PÁGINA 07.**

## **MAYANA ZATZ: INSPIRAÇÃO PARA UMA GERAÇÃO DE GENETICISTAS**

**“A CADA MATÉRIA QUE EU LIA SOBRE ELA, CADA VEZ QUE EU A VIA NA TV, EU SONHAVA ALTO E, A PARTIR DISSO, INVESTI NA CARREIRA DE BIÓLOGA E GENETICISTA”. VENHA DESCOBRIR NA PÁGINA 08 COMO UM EXEMPLO PODE MUDAR A VIDA DE UMA PESSOA!!**



**PUBLICAÇÃO SEMESTRAL DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO  
CAMPUS RIO VERDE/LABORATÓRIO DE BIOLOGIA ANIMAL**

Editores Gerais: Jânio C. Moreira e Fábio Dyszy

Editora responsável por esta edição: Valdneá Casagrande Dalvi

Edição e Design Gráfico: Leticia C. Lopes Carvalho (aluna do IFGoiano/ Campus Rio Verde)

Revisão: Ada Bispo

Criação e design do simbolo: Victor Alves de Freitas (Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas pelo IF Goiano/Campus Rio Verde).

Contato: [desbaratandoabiologia@gmail.com](mailto:desbaratandoabiologia@gmail.com)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano), Campus Rio Verde - Rodovia Sul Goiana, Km 01, Zona Rural, caixa postal 66 Rio Verde/GO, CEP: 75.901-970

## SUMÁRIO

MULHER E CIENTISTA? POR QUE NÃO? .....	03
1ª DAMA DA BOTÂNICA BRASILEIRA .....	04
CIÊNCIA X MATERNIDADE: COMO CONCILIAR? .....	05
BERTHA LUTZ, A BIÓLOGA QUE ABRIU PORTAS PARA AS BRASILEIRAS NA CIÊNCIA! .....	07
MAYANA ZATZ: INSPIRAÇÃO PARA UMA GERAÇÃO DE GENETICISTAS .....	08



## EDITORIAL

## MULHER E CIENTISTA? POR QUE NÃO?

Talvez você já tenha se perguntado o que faz um cientista? Saiba que mesmo os cientistas e estudantes da área científica, em sua grande maioria, já se perguntaram em algum momento: o que faz de mim um (a) cientista? Será que é alguém que dedica as 24 horas do seu dia apenas a pesquisar, ler e escrever? Sejamos sinceros, impossível, não é!? Cientistas também são humanos! Mais do que uma questão de números, o que faz um cientista são esforço, dedicação e o amor ao seu trabalho. Mas, a propósito, quantos cientistas você conhece? Geralmente, alguns dos nomes mais lembrados e citados são: Albert Einstein, Carolus Linnaeus, Jean Lamarck, Isaac Newton, Charles Darwin (ops! Nenhum brasileiro). Perfeito, brilhantes as citações! Não discordo desses nomes, mas gostaria de perguntar: quantos cientistas brasileiros você consegue listar? Possivelmente, se você se lembrou de algum, deve ter sido Oswaldo Cruz, certo!? Bem, não se espante, afinal isso é comum, pois, os grandes cientistas que você sempre lembra são espelhos de uma ciência testosteronizada!! Sim, isso mesmo! A maioria dos cientistas reconhecidos na história da Ciência são homens!! Mas, por quê? Será que mulheres e ciência são termos que se repelem? Mulheres não são capazes? Claro que não, e nessa edição do Desbaratando a Biologia, mostraremos que essas ideias estão longe da realidade: mulheres e ciência combinam. E muito! Na realidade, este preconceito é um reflexo da base pobre da Ciência, principalmente a ciência Brasileira, que não divulga suas grandes cientistas. Afinal, como mulheres, donas de casa, gestantes e mães, podem ser cientistas?

Em uma país masculino, onde a maioria dos empregos e das tomadas de decisões são exclusividade masculina, não é de se admirar que a inserção de mulheres no meio científico, caracteristicamente competitivo, torne-se difícil

e um tanto discriminada. Psiu! Lembre-se do que mencionei acima: a ciência exala testosterona! As mulheres que se aventuraram a entrar nesta área foram, muitas vezes, consideradas excêntricas, ridicularizadas, ignoradas, e, inclusive, não reconhecidas cientificamente. Querem conhecer um exemplo clássico? Quem foi o descobridor da dupla hélice do DNA? Sim, a resposta está na ponta da língua, certo!? Foram Watson e Crick, mas vou contar-lhes um segredinho. Não foi bem assim... sentiu o suspense? A descoberta foi feita por uma cientista chamada Rosalind E. Franklin, que, ao fotografar a molécula do DNA constatou a formação da dupla hélice. No entanto, a publicação dos dados foi feita somente mais tarde por Watson e Crick. Ah, desculpe se te decepcionei por um segundo, mas relaxa, em biologia tudo se renova/transforma: inclusive o pensamento.

Mas, as dificuldades listadas acima são apenas o começo dos desafios na vida de uma mulher cientista, mãe, esposa e filha. Apesar disso, essa múltipla jornada não é suficiente para impor limites, impedir uma mulher! Duvida? Então continue a ler! Para começar, vou refazer a pergunta: quantos nomes de mulheres inspiradoras conhecemos na Ciência? Cientistas Brasileiras!!!? Sim. Nossa, quanto silêncio! Infelizmente, isso demonstra que a invisibilidade feminina no campo da Ciência ainda é grande. No entanto, a esta altura da noite, estou aqui em um refúgio no campo, escrevendo este texto, e só escuto o barulho dos sapos. Silêncio! Não escutou? Preste atenção nos assovios... mais assovios... um coro de assovios... mentalize-os. Isso mesmo. Um coral de cantos de uma rã, conhecida como *Leptodactylus fuscus*, ou, popularmente, rã assoviadora. E vocês sabem porque temos acesso a estas informações? Porque, dentre os cientistas masculinos, temos também mulheres

que fazem Ciência. Isso mesmo, mulheres brasileiras e cientistas. Fantástico não? Está curioso? Quer saber mais? Então, se aconchegue na cadeira e saboreie essa edição do

Desbaratando a Biologia. Prepare-se para conhecer um pouquinho das mulheres brasileiras que fizeram história na Ciência!!!

*Sou Lia Raquel S. Santos, herpetóloga e docente do IF Goiano. Sou casada, mãe de dois filhos, Rafael (8anos) e Gabriel (3anos), coordenadora de curso e hoje orientadora de mais de 10 alunos (entre IC, Pós-graduação). Não sou super-heroína, e se a pergunta é se consigo? Digo que sim, porque além da dedicação, tenho também amor pelo que faço.*



## 1ª DAMA DA BOTÂNICA BRASILEIRA



Graziela M. Barroso  
(1912-2003)

A sistemática vegetal ou taxonomia é uma área botânica responsável pela identificação, nomenclatura e então, classificação das espécies cuja finalidade é agrupar as plantas, observando suas características morfológicas, relações genéticas e afinidades. É uma grande ferramenta, pois tem a capacidade de explicar a variedade de plantas e assim expor a biodiversidade.

Se alguém te perguntar nomes de cientistas e pesquisadores biólogos, talvez você aponte nomes como Darwin, Linnaeus, Mendel, Lamarck [...]. Mas, e pesquisadores brasileiros? Principalmente, pesquisadoras brasileiras? Talvez você não saiba, mas houve e há mulheres incríveis fazendo ciência no Brasil! Dentre várias, vamos falar de Graziela Maciel Barroso (foto), uma grande mulher que contribuiu muito para o avanço da ciência brasileira, sendo referência na área de sistemática de plantas.

A história de Graziela com as plantas começou mesmo quando ela já tinha 30 anos, ao conseguir um estágio no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, do qual, posteriormente, se tornou a primeira mulher naturalista. A idade nunca foi obstáculo para Graziela, pois ela era inspirada pela paixão que tinha pelas plantas e, movida por esse amor, decidiu ingressar na faculdade aos 47 anos no curso de Biologia.

Aos 60 anos, defendeu seu doutorado. Toda sua trajetória foi dedicada a descobrir e descrever diversos tipos de vegetais. Seu trabalho árduo e executado com amor e dedicação gerou resultados e reconhecimento: a maior catalogadora de plantas do Brasil, descreveu novas espécies brasileiras, orientou vários alunos de mestrado e doutorado, além de ministrar cursos de especialização e palestras.

E é claro, fez ciência divulgando conhecimento com mais de 65 artigos e quatro livros publicados. Livros dos quais são bibliografia básica para o curso de botânica, sendo três deles publicados após sua aposentadoria, em 1982.



Como se fosse pouco, recebeu a medalha de reconhecimento internacional, dada a botânicos responsáveis por formar alunos nessa área, dentre outros prêmios. Sendo assim, contribuiu fortemente na formação de muitos biólogos do país, muitos dos quais, continuam seu legado. Foi eleita para se tornar membro da Academia Brasileira de Ciência, mas faleceu antes da sua posse. Em sua homenagem, um gênero botânico e várias plantas foram batizadas com seu nome, além do prédio da botânica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e de uma reserva. Foi

ainda, uma das homenageadas no desfile da escola de samba Unidos da Tijuca em 1997. Como vemos, Graziela foi uma mulher muito ativa e dedicou-se inteiramente ao seu trabalho e à pesquisa. Além dos conhecimentos em taxonomia, a história de vida da Graziela nos diz que nunca é tarde para realizar seus sonhos e que lugar de mulher é onde ela quiser e fazendo o que gosta.

Obrigada Graziela pelos seus ensinamentos e exemplo de vida!

*“Para qualquer área da botânica, o fator principal é amor, é gostar do que se faz [...]”*

*Graziela Barroso*



*Jailma Rodrigues Gonçalves, nascida em Piracanjuba-GO, ama filmes e séries de ficção científica e ação. Nas horas vagas curte ouvir música e “arranhar” no violão. É estudante de ciências biológicas no Instituto Federal Goiano – Rio Verde, trilhando um caminho na área de anatomia vegetal.*

*Roberta Silva Teixeira é goiana, fã da série Grey’s anatomy, apaixonada por rock in roll, tia do Pedro Henrique, licenciada em Ciências Biológicas pelo o Instituto Federal Goiano e Mestranda pelo Programa de Biodiversidade e Conservação no Instituto Federal Goiano.*



## CIÊNCIA X MATERNIDADE: COMO CONCILIAR?

Ter ou não ter filhos? O velho clichê nunca esteve tão atual dentro do cenário científico. Mas por quê? Qual é a diferença entre uma mulher cientista e uma mulher que optou por outra carreira? Primeiro, vamos deixar claro quem são as mulheres cientistas no Brasil. Para começo de conversa, sim elas existem, embora a profissão cientista não seja regulamentada por aqui. Quem faz ciência no Brasil, em sua maioria, são as professoras de Instituições Públicas e Privadas: professoras, alunas de pós-doutorado, doutorado, mestrado e iniciação científica. Estima-se que cerca de 95% das pesquisas brasileiras são desenvolvidas dentro de universidades públicas e mais de 70% dos artigos científicos são assinados por mulheres.

Voltando a nossa pergunta “Qual a diferença

entre uma mulher cientista e uma mulher que optou por outra carreira?”. Enquanto a média nacional para o nascimento do primeiro filho é 26 anos, entre as cientistas esse média sobe para 32 anos. O que aparentemente é uma opção tardia para ter o primeiro filho, na verdade, geralmente é uma falta de opção. Calma, já explico isso melhor! Via de regra, a trajetória de carreira de uma pesquisadora inclui graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, o que somados facilmente ultrapassa 10 anos!! É um tempo considerável de dedicação, incluindo muitas madrugadas em laboratórios, experimentos, trabalhos em campos, congressos, artigos, submissão de projetos para agências de fomento, trâmites burocráticos, qualificação, intercâmbio, provas, aulas, seminários, bancas, reuniões com o orientador,

repetições de experimentos, resultados e mais resultados. Diante desse turbilhão de afazeres científicos, poucas são as mulheres que se aventuram a ter filhos nessa fase da vida, na qual o foco está nos objetivos profissionais, como a aprovação em um concurso público, principal mercado de trabalho de uma pesquisadora. Quando isso acontece? Em média, a aprovação em concurso público e a contratação ocorre entre os 30 e 34 anos, idade essa que ultimamente só vem aumentando.

Após a contratação, agora sim é hora de pensar em ter filhos. Muitas, assim como as mulheres não cientistas, optam por não ter filhos, seguindo sua vida acadêmica/profissional. As que optaram por ter filhos, na média os terão cerca de 3 anos após a contratação, época em que estão se estabelecendo de fato como pesquisadoras. Mas, o quanto ter um filho (ou mais) pode interferir na carreira de uma cientista? A maior preocupação de uma mãe principiante é o período de afastamento por licença maternidade. No entanto, o curto tempo de licença não parece ser tão problemático assim. Será? Foi a partir da vivência de uma mulher, professora, cientista da UFRGS, vendo sua carreira declinar consideravelmente após o nascimento do seu primeiro filho, que o tema foi levantado pela primeira vez no Brasil. Juntamente com colegas da mesma instituição fundou em 2018 o “Parent in Science”, o qual nasceu como uma ação de criar um fundo específico de financiamento para mães docentes/ pesquisadoras. Em maio do mesmo ano ocorreu na PUCRS um importante e pioneiro evento, o I Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência. As estatísticas apresentadas nesse evento são

preocupantes: há um declínio na produção científica das mulheres durante a licença maternidade e esse declínio perdura em média por cinco anos. Sim, cinco longos anos de uma produção científica abaixo do esperado.

Mas, o que eu posso falar sobre esse assunto partindo da minha experiência pessoal? Tenho um pequeno ser humaninho de 1 ano e três meses, o Benjamin. Eu segui a trajetória da maioria das pesquisadoras até a aprovação em um concurso público. A gestação não planejada no segundo ano de contratação foi um susto, mas os seis meses de licença maternidade mostraram o que estava por vir: muito trabalho acadêmico acumulado. Terminada a licença maternidade, minha decisão de buscar um equilíbrio e estar o mais presente possível na criação do Benjamin se refletiu no acúmulo de demandas e mais demandas de trabalho. Passando por isso no momento, fica fácil entender o declínio na produção científica após o nascimento de um filho. Mas, por outro lado, aos poucos, a vida vai retomando seus eixos, e novas rotinas onde se consiga ter tempo de qualidade, tanto para os filhos quanto para o trabalho, se tornam possíveis. Mas, sem dúvida, isso não é nada fácil e depende de muita organização, determinação, paixão, boas parcerias e uma boa equipe de trabalho. Com isso, quem sabe eu possa contribuir para mudar as estatísticas nada animadoras do *Parent in Science*. O que está por vir? Cientificamente só o tempo irá dizer, mas como mãe tenho certeza que o meu maior legado será contribuir na formação de um homem íntegro e cheio de sonhos que possa fazer a diferença para um mundo melhor, e que veja em mim um porto seguro de apoio.

*Valdnéa Casagrande Dalvi, mãe do Benjamin, é capixaba de nascimento, mineira de coração e do mundo por opção. Apaixonada pelo “mato”, por cachorros e pelas montanhas nunca dispensa um convite para um banho de cachoeira e um bom café. Para aliviar a mente gosta de correr (às vezes dos outros para ficar sozinha mesmo!).*

*Bióloga, mestre e doutora em Botânica pela UFV e professora do IF GOIANO/Campus Rio Verde.*





> *Cientistas Brasileiros é uma coluna fixa do Desbaratando a Biologia que tem como objetivo trazer, em cada número, um pouco da história, biografia e contribuições de nossos compatriotas cientistas mostrando que o Brasil também pode ser a pátria da ciência.*

## BERTHA LUTZ, A BIÓLOGA QUE ABRIU PORTAS PARA AS BRASILEIRAS NA CIÊNCIA!

Você conhece mulheres cientistas? É provável que você conheça professoras, pesquisadoras, estudantes, enfim, mulheres que ocupam espaços na pesquisa científica. No entanto, isso nem sempre foi verdade. Por muito tempo, as mulheres em todo o mundo tiveram direitos básicos negados; tais como votar, trabalhar fora de casa, estudar, entre tantas outras privações. Isso dificultou, mas não impediu, que as mulheres dessem sua contribuição para diversos campos, inclusive os da ciência.

Muita luta foi necessária para que as mulheres começassem a ser vistas como seres humanos e dignas, dos mesmos direitos que os homens sempre possuíram. No mundo todo, as mulheres se organizaram para que seus direitos fossem garantidos. Mas, você sabia que no Brasil uma bióloga foi a responsável por abrir o caminho para a luta pela igualdade de gênero? Isso aconteceu e seu nome era Bertha Lutz! Bertha nasceu em 1894, e era filha do importante cientista Adolfo Lutz. Amante da natureza, Bertha teve a oportunidade que era negada à grande maioria das mulheres da época: estudou Ciências Naturais em uma universidade francesa. Quando retornou ao Brasil, trouxe consigo as ideias revolucionárias com as quais teve contato observando os movimentos feministas estrangeiros.

Incansável em sua luta pelos direitos da mulher, fundou em 1919, a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher.

Além disso, foi nesse ano que Bertha foi aprovada no concurso para ocupar o cargo de bióloga do Museu Nacional do Rio de Janeiro, fato que causou grande polêmica na época, pois naqueles tempos não era comum que mulheres ocupassem cargos públicos.

Ainda no Museu Nacional, se tornou a naturalista responsável pelo setor de botânica. Já em 1922, foi a organizadora do I Congresso Feminista do Brasil e foi para os Estados Unidos onde representou as mulheres brasileiras na Assembleia Geral da Liga das Mulheres Eleitoras. Retornando ao Brasil, foi uma das fundadoras da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, onde sua principal luta era para que mulheres pudessem votar. Direito que foi conseguido apenas 10 anos depois.

Além de toda essa trajetória, Bertha se especializou no ramo da biologia conhecido como herpetologia (o estudo dos anfíbios e répteis). Como herpetóloga, Bertha descobriu diversas espécies de anuros (os sapos, rãs e pererecas), contribuindo imensamente nesta área. Hoje, apesar de ainda existirem dificuldades devido ao machismo que ainda existe na ciência, graças às cientistas do passado como a Bertha Lutz, as meninas e mulheres têm a oportunidade de escolher esse caminho e, principalmente, têm exemplos em quem podem se inspirar!

*Rhayane Alves de Assis é natural de Quirinópolis, Goiás, fã de Harry Potter, apaixonada por animais, licenciada em Ciências Biológicas e mestranda em Biodiversidade e Conservação pelo IFGoiano, campus Rio Verde.*





## MAYANA ZATZ: INSPIRAÇÃO PARA UMA GERAÇÃO DE GENETICISTAS

Quando me perguntam porque eu quis cursar Ciências Biológicas, eu sempre digo que meu sonho era ser geneticista. Ainda tenho as minhas agendas contendo recortes de páginas de revista na qual, uma “cientista” vestindo um lindo jaleco branco aparecia segurando pipetas e manipulando tubos contendo DNA, falando de aconselhamento genético. Acredito que as pessoas que me conhecem devem se perguntar: como pode uma pessoa aos dezessete anos, moradora de uma pequena cidade no interior de Minas Gerais ter um anseio tão específico? À época eu tinha uma vaga noção do que era ser cientista, no entanto, eu tinha uma grande inspiração: a pesquisadora brasileira Dra. Mayana Zatz. A cada matéria que eu lia sobre ela, cada vez que eu a via na TV, eu sonhava alto e, a partir disso, investi na carreira de bióloga e geneticista. Por isso, nessa edição especial, vou falar para vocês um pouco de uma cientista brasileira, reconhecida no Brasil e no exterior, e que declara ser “apaixonada pelo que faz” e se considera “sortuda por trabalhar naquilo que gosta”.

Mayana Zatz é bióloga e geneticista. Embora Mayana não tenha nascido no Brasil (nasceu em Tel Aviv, Israel, em 1947), ela se mudou com a família para o Brasil em 1955 e vive aqui até hoje. Desde a infância, a pesquisadora interessou-se pela biologia, afirmando que “achava o máximo essa coisa de ser cientista” e que se apaixonou pela genética ainda no colegial, o que a motivou a ingressar no curso de graduação em Ciências Biológicas na USP. Na iniciação científica, Mayana trabalhou com genética no laboratório de Genética Humana do Departamento de Biologia do Instituto de Biociências da USP, sob orientação do Prof. Dr. Oswaldo Frota-Pessoa, por quem ela declara ter grande admiração, sendo o professor um dos responsáveis pela escolha de Mayana no campo

da Genética Humana e Médica. Ainda na USP, Mayana concluiu seu mestrado em 1970 e seu doutorado em 1974, sob orientação do mesmo professor, trabalhando com doenças neuromusculares, como as distrofias musculares progressivas. Estendeu suas pesquisas nessa linha de atuação durante o pós-doutorado na Universidade da Califórnia (UCLA), entre 1975 e 1977.

Ao mesmo tempo em que começava sua carreira como professora e pesquisadora na USP, ela criou, em 1981, a Associação Brasileira de Distrofia Muscular (ABDIM), cujo objetivo é dar suporte aos pacientes com doenças musculares degenerativas, melhorando o convívio social e a expectativa de uma melhor qualidade de vida que muitos desses pacientes não têm devido à precariedade ao tratamento dessas doenças no Brasil. Com isso, a bióloga e geneticista, também foi reconhecida pelo seu trabalho ligado a essas questões sociais. Atualmente, a Dra. Mayana Zatz atua como coordenadora do Centro de Pesquisas do Genoma Humano e Células-Tronco. Como Professora Titular de Genética do IBUSP, Dra. Mayana Zatz orientou 22 dissertações de mestrado e 36 teses de doutorado ao longo de sua vida acadêmica. Possui 348 artigos já publicados até março de 2019. Ao longo de sua carreira recebeu diversas premiações, incluindo a ordem nacional de grã-cruz de mérito científico. Entre os prêmios internacionais destacam-se o L'Oréal/Unesco para mulheres na ciência (2001) prêmio TWAS em pesquisa médica (2004), prêmio México de Ciência e Tecnologia (2008) e prêmio Conte Gaetano por trabalhos sociais (2011). Também participou ativamente da aprovação das pesquisas com células-tronco embrionárias pelos parlamentares em 2005, e pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2008, época em que ficou muito



conhecida no Brasil, pois sempre estava presente na mídia, defendendo a pesquisa com células-tronco embrionárias, um dos pontos mais polêmicos da Lei de Biossegurança, e explicando como isso poderia no futuro salvar vidas humanas. Em 2013, lançou livro “GenÉTICA: escolhas que nossos avós não

faziam”, no qual descreve seu interesse em questões éticas relacionadas com o Genoma Humano, aconselhamento genético e células-tronco.

Para conhecer mais sobre essa pesquisadora brasileira, veja o currículo: <http://lattes.cnpq.br/2454447846752426>

*“A diferença entre um cientista e um não cientista é que nós temos uma curiosidade mórbida. A gente não se satisfaz só de olhar e de observar. Você quer saber como é por dentro, como é que funciona, por que é daquele jeito, como é que poderia ser diferente”*

*Mayana Zatz*

*Maria Andréia C. Mendonça é mineira, apaixonada pelas montanhas e também pelo mar. Às vezes artesã e muito curiosa na cozinha, não abre mão de um bom café. Bióloga, mestre e doutora em Genética e Melhoramento/UFV e professora do IF GOIANO/Campus Rio Verde.*



## PRÓXIMO VOLUME

ALGUMAS PESSOAS COLECIONAM QUADRINHOS, MOEDAS, SELOS, ETC. SERÁ QUE EXISTE ALGUMA APLICAÇÃO PARA O HÁBITO DE COLECIONAR DENTRO DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS? NO PRÓXIMO NÚMERO DO DESBARATANDO A BIOLOGIA, INTITULADO “MUSEUS, COLEÇÕES E BIOLOGIA”, FALAREMOS SOBRE O NOME CIENTIFICO DOS ORGANISMOS, SOBRE LUZIA: A MAIS ANTIGA BRASILEIRA, SOBRE O MUSEU NACIONAL E CONHECEREMOS A HISTÓRIA DO PADRE MOURE NO ARTIGO “SOBRE CLÉRIGOS, COLEÇÕES E ABELHAS”. E ENTÃO, CURIOSO? APROVEITE O NÚMERO ESPECIAL SOBRE MULHERES E CIENTISTAS BRASILEIRAS E PREPARE-SE PARA SABER MAIS SOBRE AS COLEÇÕES BRASILEIRAS. ATÉ LÁ!